



NAMORAR O CHÃO: LISBOA E RIO DE JANEIRO POR MIGUEL TORGA

COURTING THE GROUND: LISBON AND RIO DE JANEIRO BY MIGUEL TORGA

Claudia Barbieri*

Resumo: O artigo contempla a obra do escritor português Miguel Torga, pseudônimo de Adolfo Correia da Rocha (1907-1995), em especial as paisagens urbanas de Lisboa e do Rio de Janeiro, perspectivadas pelo olhar subjetivo do autor. Sobre a capital alfacinha o embasamento se faz perante as entradas sobre a cidade, registradas nos dezesseis volumes do *Diário* (1932-1993), bem como o ensaio *Portugal* (1957). Acerca do Rio de Janeiro recuperamos as obras memorialísticas *A Criação do Mundo – Os dois primeiros dias* (1937) e *O sexto dia* (1981), o livro de ensaios *Traço de União* (1955) e os registros da viagem feita para o Brasil em 1954, presentes no sétimo volume do *Diário*. A prosa de Miguel Torga é, por si mesma, poética. Reconhecido pela escrita da paisagem portuguesa, sobretudo a rural, buscamos com este texto destacar a relação do autor com o espaço urbano. Das panorâmicas luminosas aos singulares aspectos humanos e citadinos encontrados nas ruas, bairros e monumentos, tudo é mediado pelas palavras refletidamente escolhidas por este grande autor transmontano.

Palavras-chave: Miguel Torga; Lisboa; Rio de Janeiro; paisagem urbana.

Abstract: The article contemplates the work of the Portuguese writer Miguel Torga, pseudonym of Adolfo Correia da Rocha (1907-1995), especially the urban landscapes of Lisbon and Rio de Janeiro, perspectives through the author's subjective view. About the capital of Lisbon, the foundation is made with the entries about the city, recorded in the sixteen volumes of the *Diary* (1932-1993), as well as the essay *Portugal* (1957). About Rio de Janeiro, we recovered the memoirs *A Criação do Mundo – Os dois primeiros dias* (1937) and *O sexto dia* (1981), the book of essays *Traço de União* (1955) and the records of the trip made to Brazil in 1954, presents in the seventh volume of the *Diary*. Miguel Torga's prose is, in itself, poetic. Recognized for the writing of the Portuguese landscape, especially the rural one, we seek with this text to highlight the author's relationship with the urban space. From the luminous panoramas to the unique human aspects and cities in the streets, neighborhoods and monuments found, everything is mediated by the words reflectively chosen by this great transmontano.

Keywords: Miguel Torga; Lisbon; Rio de Janeiro; urban landscape.

* Professora Adjunta de Literatura Portuguesa (DLC/ICHS – UFRJ) – barbiericlaudia.cb@gmail.com

[...].
*Eu é que fiz o acto
De namorar o chão em vez do céu.*
(TORGA, 1982, p. 34)

Adolfo Correia da Rocha, assim batizado, nasceu em 1907 em São Martinho de Anta, pequena aldeia do concelho de Sabrosa, em Trás-os-Montes, uma das regiões mais pobres do interior de Portugal. A família, vendo-se em grandes dificuldades, viu-se obrigada a mandar o filho de treze anos aos cuidados de um tio paterno fazendeiro, residente na cidade de Leopoldina, Minas Gerais, no Brasil. Assim teve início a relação do escritor com as terras brasileiras: um garoto, forçado à emigração, tendo de lidar com a vida árdua do trabalho rural, com o olhar sempre atento à paisagem que o cercava. Aqui viveu até os dezoito anos de idade, quando voltou para Portugal a fim de cursar Medicina, na cidade de Coimbra, onde manteve consultório a partir de 1941, constituiu família e residiu até o final da sua vida.

Aos vinte e seis anos adotou para si o pseudônimo Miguel Torga, curiosa homenagem que o ligaria de forma definitiva tanto à literatura ibérica, quanto à paisagem natalícia: “Miguel” explicitava a profunda admiração por dois escritores – Miguel de Cervantes e Miguel de Unamuno; Torga, o ligava às suas raízes, ou melhor, ao seu entendimento de homem enraizado às paisagens, à terra, lembrando que torga é uma urze rasteira que cresce normalmente em cimos montanhosos, em solos rochosos e pouco férteis e que possui raízes muito profundas e resistentes. A torga sobrevive às intempéries inclementes, em lugares bastante inóspitos.

Como escritor dedicou-se aos mais variados gêneros: a poesia, o conto, o teatro, o romance, a literatura de viagens. Deixou-nos também uma extensa obra de cunho pessoal e



artística – o *Diário*, composto por XVI volumes, é um magnífico registro no decurso de mais de 60 anos de sua existência, com textos híbridos de prosa e poesia. O *Diário* I tem início em 3 de janeiro de 1932, com a poesia “Santo e Senha” e o *Diário* XVI termina com outro texto poético, o simbólico “*Réquiem* por mim”, datado de 10 de dezembro de 1993. O escritor faleceria em 17 de janeiro de 1995, aos 87 anos.

A escrita diarística de Torga é um ato reflexivo, expositivo e denunciativo. Precisa ser tratada com a particularidade da sua divulgação pública. Não se trata de um diário íntimo que foi editado apenas postumamente, em uma tentativa de revelar ao máximo o gênio de um escritor. Os dezesseis volumes foram escritos e publicados com o consentimento do autor, com o fito na interlocução e desde o início pressupunha a leitura de muitos. Não era uma escrita de si puramente, algo reservado, quase secreto. Era uma prática literária. Quando o décimo quinto volume foi publicado, em 1990, escreveu Torga: “A parábola dos meus dias vai somando páginas. E vou-a contando aos outros a ver se consigo saber qualquer coisa de mim” (TORGA, 1999, p. 291, vol. XVI).

Os registros abordam variada gama de assuntos: flagrantes do cotidiano e da realidade portuguesa, considerações sobre a conjuntura política e cívica, reflexões sociológicas, apontamentos de crítica e de criação literária, ponderações sobre o fazer poético, aforismos filosóficos, abundantes elogios paisagísticos de Portugal como um todo, mas sobretudo da região do Alentejo e do Gerês e do Marão transmontanos. Sua ligação com o meio envolvente, com a paisagem, com a natureza exuberante de Trás-os-Montes fez com que redigisse o seguinte apontamento no *Diário*, volume VIII:

Gerês, 17 de agosto de 1958 – Sou, na verdade, um geófago insaciável, necessitado diariamente de alguns quilómetros de nutrição. Devoro planícies como se engolissem bolachas de água e sal, e atiro-me às serranias como à broa da infância. É fisiológico, isto. Comer terra é uma prática velha do homem. Antes que ela o mastigue, vai-a mastigando ele. [...]. (TORGA, 1999, p. 340, vol. VIII).

De fato, Miguel Torga percorreu seu país de lés-a-lés, descrevendo a paisagem portuguesa não apenas no *Diário*, mas em contos, romances e livros de impressões, como *Bichos* (1940), *Novos contos da montanha* (1944), *Vindima* (1945), ou *A criação do mundo* (1937-1981). Havia nesse constante ir e vir por Portugal a busca pelo próprio entendimento do país, do povo e de si mesmo: “Cada qual procura-se onde se sente perdido. Eu perdi-me



em Portugal, e procuro-me nele” (IDEM, p. 348). Entretanto, sua admiração não era condescendente ou meramente elogiosa. Nos socos do Douro, para além da beleza do vale, o escritor denunciava a violência na construção daquela paisagem, a exploração dos trabalhadores nas vindimas. Este geógrafo que precisava fisiologicamente de “alguns quilómetros de nutrição”, sentia-se próximo também do mito do gigante Anteu, que era invencível desde que estivesse com os dois pés ligados à terra:

S. Martinho de Anta, 20 de setembro de 1968 – De todos os mitos de que tenho notícia, é o de Anteu que mais admiro e mais vezes ponho à prova [...]. Sempre que, prestes a sucumbir ao morbo do desalento, toco uma destas fragas, todas as energias perdidas começam de novo a correr-me nas veias. É como se recebesse instantaneamente uma transfusão de seiva. [...]. (TORGA, 1999, p. 188, vol. XI).

Não há nenhum gigantismo na prosa de Torga, ao contrário, sua preocupação foi sempre trazer a reflexão do mundo à escala humana. Os dissabores cotidianos, os conflitos com os espaços dito urbanos, os desgastes profissionais ampliavam a sua necessidade recorrente de volta às origens. O ruralismo dos textos de Torga já foi tratado criticamente por diversos estudiosos, como Óscar Lopes, Eduardo Lourenço e David Mourão-Ferreira, para citar apenas alguns¹. Contudo, não há trabalhos que enfoquem as considerações do escritor sobre a capital de seu país: Lisboa.

Gosto de rever certas paisagens, ainda mais do que reler certos livros.

(TORGA, 1999, p. 359, vol. VIII)

Há na qualidade da escrita de Miguel Torga algo que o liga profundamente ao mundo concreto, vivo e cotidiano e simultaneamente o liga a um mundo imaginário e mítico. Portugal está todo em sua obra, de diferentes maneiras. “O meu espaço de liberdade é o mapa de Portugal subentendido na folha de papel onde escrevo” (TORGA, 1999, p. 302, vol.

¹ Ver: LOPES, Óscar. O ruralismo de Miguel Torga. In *Entre Fialho e Nemésio – Estudos de Literatura Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: INCM, 1987, p. 733-735; LOURENÇO, Eduardo. O Portugal de Torga. In *Colóquio Letras*, nº 135/136, jan. 1995, p. 5-12; MOURÃO-FERREIRA, David. *Lâmpadas no escuro: de Herculano a Torga*. Lisboa: Arcádia, 1979.



XII). Por vezes, sua relação com o país é quase religiosa, no sentido mais etimológico do termo, ou seja, uma espécie de re-ligação, ou re-conexão com a terra e com o povo português que habita as páginas em sua multiplicidade humana, a quem de certa forma empresta a sua voz:

Quando no prefácio de *Fogo Preso* Torga afirma que “ao fazer-se homem público, o poeta empresta a voz a quem a não tem”, está implicitamente, a definir uma missão plasmada não só no volume *Ensaaios e Discursos*, mas também em alguns passos do *Diário*. Ciente de que a voz de um escritor “é sempre a voz que fala por todos”, o poeta não oculta a sua missão buscadora e intelectualista posta ao serviço de causas em que, como ser autoconsciente, testemunha, denuncia, autentica, constrói, revela... (LEÃO, 2007, p. 15-16).

Os textos a respeito de Lisboa e do Rio de Janeiro, na obra de Miguel Torga, possuem esse caráter testemunhal, denunciativo, por vezes avaliador e indagador. É importante frisar que este artigo prima pelos escritos onde os espaços autobiográficos se sobressaem. Tratemos, portanto, ainda que brevemente, de cada uma das cidades.

LISBOA

26

*É uma dor de alma ver uma terra bonita como esta
a servir de cenário a tanta coisa feia.*
(TORGA, 1999, p. 123, vol. X)

As entradas no *Diário* não eram registradas todos os dias, por vezes decorrendo largos períodos entre uma e outra. Estruturalmente, todas iniciam com as informações de local, data e ano. Como mencionado, o *Diário* abrange mais de seis décadas, portanto, é possível traçar um panorama razoável das percepções do escritor sobre a capital de seu país, Lisboa.

A relação de Miguel Torga com este espaço citadino é, muitas vezes, contraditória. Há o entendimento natural de que a capital é o único lugar do país onde são fornecidas e resolvidas quaisquer demandas, fossem elas burocráticas, políticas, culturais, comerciais ou pessoais. Os elementos humanos da cidade ligam-se, ao rés do chão, aos seus elementos físicos. A escala é fundamental para a compreensão da escrita. As impressões distanciadas são muito diferentes das impressões de imersão no espaço urbano.

Enquanto paisagem, Lisboa recebe laudos elogios:



Lisboa é bonita. Está ainda para nascer o primeiro insensível que no alto de Santa Catarina não arregale os olhos de espanto diante da formosura dum panorama que a natureza se não gaba de ter repetido. [...]. E de cada colina onde a gente se debruça é um pasmo sem limitações que abrange o céu e a terra na mesma agradecida emoção. Sobre a toalha límpida do Tejo cai luz a jorros duma lâmpada hialina, escondida no tecto azul do cenário; e o movimento ritmado das embarcações, o perfil recortado do casario e o enquadramento dos longes arredondam a beleza da tela, dando-lhe realidade. E, quer queira, quer não, o espírito fica rendido a uma bênção de cor, de grandeza e de harmonia (TORGA, 1957, p. 111).



Alto de Santa Catarina, década de 40. Fotografia de Paulo Guedes. FONTE: Arquivo Municipal de Lisboa, cota A9730.

Como já escreveu José Cardoso Pires, “a distância inventa cidades” (PIRES, 1997, p. 11). A observação de qualquer cidade vista de um sítio privilegiado, onde seja possível observar o esplendor de sua panorâmica, espargida aos pés do observador, incute nesse a ilusória sensação de compreendê-la melhor. A cidade, reduzida em sua escala pelo distanciamento visual e sensório, assemelha-se a um jogo de tabuleiro, onde facilmente é possível distinguir a sua geografia urbana, os seus cartões-postais. Seja pelo vasto panorama, seja pelo *skyline*, a cidade que se fixa nas retinas amplia a concepção de pujança e reduz a legitimidade.

Lisboa, 3 de maio de 1944 – Uma visita demorada e paciente a esta velha amante do Tejo, lavada e pretensiosa por fora, e suja e modesta por dentro. Bonita toda ela do sol natural que a doira, temperada num clima doce de



mar que a bafeja, quando a gente começa a ver dos altos é realmente como um corpo alvo que se espreguiça no leito, e de braços estendidos tacteia à volta. [...], fui à Graça espreitar de lá. O Tejo parecia um *écran* melancólico de aventuras passadas; o Carmo, os ossos roídos de Nun'Álvares; e S. Vicente, cadavérico, branco, lembrou-me um grande frigorífico real a empestar a Mouraria.

Lindo, o corpo começava contudo a mostrar as chagas. E desci. [...] Com uma perna escalavrada a miséria descia a sua encosta. [...] Mentirosa, cruel, egoísta, do lado de lá, a outra cidade pavoneava-se ao sol da Avenida da Liberdade acima (TORGA, 1999, p. 209-210, Vol. III).

A cidade, antes fragmentada em guetos, bairros e zonas altissonantes, passa a possuir um único corpo silencioso, embora indistinto e disforme. Os parques e praças transformam-se em pequenas massas verdes. A antiga delimitação, que garantia o apartamento entre bairros ricos e pobres, históricos e novos, desfaz-se com a distância. A visão panorâmica não permite ao observador que escute os seus sons, os seus rumores; não é possível sentir os seus odores e os seus aromas; não se distinguem as cores, as texturas, os cheios e os vazios. Tanto a sinestesia, quanto a cinestesia não têm lugar na distância. A cidade do alto ou de um ponto remoto transforma-se em uma cidade fantasma, sem pessoas.

Em muitas passagens o escritor registrou a ilegibilidade para si do espaço lisboeta:

28

Lisboa, 7 de abril de 1952 – Sensação estranha a que se apodera de mim quando aqui chego! Sempre a mesma impressão de que vagueio sonâmbulo nas ruas irreais dum cenário. [...] Nesta Lisboa bem-amada agonizo de mãos vazias. A luz é deslumbradora, as praças soalheiras, o Tejo majestoso. A íntima significação do conjunto é que me escapa! Que exprime esta hipertrofia aldeã? Portugal? Um império? Não.

Vista como estampa do contexto da história onde figurou, Lisboa lembra-me uma loucura gratuita, que não dá esperança de qualquer resposta inteligível. Uma espécie de capital do nada (TORGA, 1999, p. 133, vol. VI).

Para o escritor havia um distanciamento muito grande entre o que ele considerava o Portugal oficial, representacional e, portanto, de poucos e o Portugal genuíno, provinciano, da maioria: “O país não é o Terreiro do Paço” (TORGA, 1957, p. 111). O desencontro estava posto desde o princípio. Como aceitar que a sede do poder fosse tão apartada do todo? É importante destacar que não se trata de uma simples oposição entre campo e cidade, pois para Torga, a própria Lisboa possuía o seu lado provinciano. A fidelidade da capital para com o resto do país era facilmente encontrada nos larguinhos, “nos jardins íntimos, nos



fontanários soalheiros” (TORGA, 1999, p. 190, vol. XIV). Novamente a escala é fundamental. Ou o país procurava se assemelhar com o restante da Europa, ficando indistinto e com um aspecto vulgar, ou o país buscava a sua identidade naquilo que lhe era peculiar e idiossincrático.

Lisboa, 8 de março de 1970 – É um espetáculo confrangedor ver cair à primeira raspadela o verniz europeu que cobre o rosto destes governantes, destes literatos, destes cientistas, destes amanuenses, destes cidadãos do Chiado ou de Alfama. A meus olhos, pelo menos, que nunca o testemunho sem constrangimento. Não me conformo que haja na pátria duas singularidades: a autêntica do homem lusitano, e a postiça do homem alfacinha (TORGA, 1999, p. 210-211, vol. XI).

“A Pátria é tanto o lodo da Alfama, o poleiro de S. Bento e a miséria mental do Chiado, como a lisura de Trás-os-Montes e a ênfase do Alentejo” (TORGA, 1957, p. 112). A vivência do espaço urbano lisboeta é imprescindível para qualquer reflexão sobre o país. Para o escritor era necessário fazer parte desse organismo de vez em quando, pois apenas nesse processo de pertencimento, nesse ato de lhe percorrer as ruas é que poderia contemplar as fragilidades e as qualidades do povo português. Ao perceber a apropriação que este fazia do espaço, ao constatar como o povo interferia em seu desenho, proporcionando à cidade múltiplas faces, Torga acumulou muitas imagens urbanas para a capital.

Com o passar dos anos, homem e cidade mudam juntos.

Lisboa, 19 de janeiro de 1973 – De cada vez que aqui venho, maior me parece a cidade, mais incaracterísticos os edifícios, e menos humanos os habitantes. Tenho a sensação de que as ruas avançaram alguns quilómetros ao meu encontro, de que as casas activaram o mimetismo, e que as pessoas progrediram no sentido de se transformarem definitivamente em bonecos de corda. As escavadoras rasgam novas avenidas, as velhas moradias singulares são substituídas por imóveis uniformes, a população adquire progressivamente um só rosto. Chego à rotunda do Marquês. E o rodopio alucinante dos carros à volta da estátua completa a impressão de que estou no centro de uma engrenagem tentacular e demoníaca, que tudo absorve, uniformiza e reduz a movimento. Entro, então, em delírio.

A cidade se superficializa, vira alvo da especulação imobiliária, certos espaços se tornam símbolos representativos de poder. Na velocidade do trânsito só é possível distinguir as fachadas. As antigas decorações são substituídas ou escondidas por letreiros chamativos.



Uma cidade ou qualquer cidade? Para Torga as relações com Lisboa são por vezes, motivo de angústias, gatilho para lembranças amargas. Houve o tempo em que foi prisioneiro na cadeia de Aljube, ou quando foi prestar depoimento à PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado), ou ainda quando precisou ficar internado no Hospital S. Luís.

A política, a cultura, a história do país passam necessariamente por Lisboa e aí ficam marcados de forma indelével. Ler os apontamentos do escritor sobre a capital é recuperar alguns desses fragmentos. Nem sempre a escrita é lisonjeira, mas as críticas são provas incontestas do olhar presente, interessado e participativo do escritor.

RIO DE JANEIRO

E numa segunda-feira, cheia de sol, o Brasil apareceu.

(TORGA, 1952, p. 75)

Ainda no início da adolescência, Miguel Torga (que na ocasião era “apenas” Adolfo Correia da Rocha) viveu a experiência da emigração. Tinha treze anos quando aportou com o pacote de Arlanza na cidade do Rio de Janeiro, em 1920. Transpassado por diversas emoções, fez o registro dessas memórias nos livros *A Criação do mundo – os dois primeiros dias* e no ensaio *Traços de União*. A estudiosa Dora Maria Nunes Gago, cujo objeto de trabalho é a relação luso-brasileira na obra de Miguel Torga, apontou a importância do registro na primeira obra citada e reforça o caráter memorialístico do texto:

[...] no caso de Torga, a experiência da emigração é narrada em *A Criação do Mundo - Segundo dia*. Nesta obra, deparamo-nos com um narrador autodiegético, retrospectivo, adulto e autoconsciente que recria as vivências do passado, dando voz à criança que foi, através de uma linguagem simples e espontânea. A emigração desenha-se como experiência de amadurecimento, de contacto com um espaço novo, diferente, marcado pela dureza da vida e simultaneamente pela descoberta (GAGO, 2010, p. 134).

Torga permanece em Leopoldina, Minas Gerais, até os dezoito anos de idade. Na Fazenda de Santa Cruz do tio, realizava todo tipo de trabalho, desde capinar café e cuidar dos animais, até caçar cobras. O jovem, a partir dos dezesseis anos, estudou no Ginásio Leopoldinense onde se mostrou um aluno ávido e brilhante. O tio, com o passar dos anos, resolveu vender a fazenda e observando a aptidão do sobrinho para os estudos, decidiu que



o rapaz seria doutor em Coimbra e resolveu custear o restante da formação. Assim, passados cinco anos, Torga regressa para Portugal, embarcado no paquete inglês *Andes*.

As primeiras impressões sobre o Rio são de assombro, deslumbramento e receio, naturais para um menino tão jovem viajando sozinho:

la olhando, mas não via coisa com coisa. Eram ilhas e montes, e casas, e navios, e gente a acenar, e uma grande aflição dentro de mim. [...] E daqueles homens todos, vestidos de branco, algum seria o meu tio? Seria? Não, não era com certeza...

Mas era. Era aquele sujeito alto e forte, de meio dente de oiro, que me perguntava ao fim da ponte que ligava o Arlanza à terra, com o meu retrato na mão, se eu me chamava Mário (TORGA, 1952, p. 76).

De tudo precisou se despojar. Quando o tio lhe perguntou se o seu nome era Mário, Torga transformou-se no estrangeiro recém-chegado, um anônimo, e no processo que se seguiu, quase precisou se destituir da própria individualidade e personalidade. Para o tio o sobrinho “não sabia falar, não sabia andar, não sabia nada”. Imediatamente conduziu o menino para uma casa de fatos feitos, pois julgava o terno do garoto indecente. Lá despiu as roupas feitas pelas Pintas e saiu trajando vestimentas costuradas por gente desconhecida.

31

Essa sequência de pequenas coisas provocaram, no jovem Torga, profundas reflexões. Ali, naquele país imenso, com uma pessoa que só o parentesco de sangue trazia certa segurança de ligação, perder as poucas coisas que havia trazido fez com que se sentisse desenraizado, diminuído enquanto ser.

Rua do Ouvidor, ainda pude ler. Mas quando ia a reparar na primeira montra, a sua voz [do tio] de estranho, mas de dono, mandou-me seguir com a ponta dos pés voltada para fora.

Casa Soares & Companhia, comissões e consignações... O Sr. Marques passou... Muito obrigado... Um meu sobrinho... Lá da terra... Vê-se logo... Bichinho que saiu da toca.... Que lhe digo eu, Sr. Marques... Há de ser homem... [...]

Aquela era a Avenida Rio Branco, aquela era a Avenida Beira-Mar, aquela era a estátua de Pedro Álvares Cabral, aquela era a Avenida do Mangue, aquela era a estação da Leopoldina Railway (TORGA, 1952, p. 77)





Avenida Central, atual Avenida Rio Branco, na altura da Rua do Ouvidor com a Rua Miguel Couto, 1906. Fotografia de Marc Ferrez. FONTE: Acervo Brasileira Fotográfica, custódia do Instituto Moreira Salles.

De fato, durante os anos em que residiu no Brasil, o tio foi dono do tempo de Miguel Torga, que só a ele obedecia como um empregado da fazenda. Aqui cresceu, amadureceu, tornou-se homem. Permaneceu para o resto da vida ligado a este chão, à natureza exuberante, encantado com a fertilidade da terra e deslumbrado com as superstições do povo mais simples que acreditava em lobisomens e simpatias variadas.

Quando partiu, tinha a profunda compreensão da transformação que sofrera:

A cidade, agora, tinha outra realidade. O ingênuo rapazinho que a vira com espanto e desespero à chegada do Arlanza, morrera. Nem a baía da Guanabara, no dia seguinte, conseguiu fazer transbordar os sentidos. [...] O mundo pedia-me lucidez antes de cada deslumbramento (TORGA, 1981, p. 151).

Ao contrário do momento da chegada, em 1920, quando o futuro era bastante incerto, o retorno à pátria parecia mais promissor: não viajava sozinho desta vez, tinha a companhia de parentes, iria estudar em Coimbra, formar-se em medicina. O amadurecimento pedia maior reflexão e controle sobre as próprias emoções. O mais curioso no processo biográfico do escritor é que apesar dele nunca ter residido no Rio de Janeiro, ele sentia uma conexão bastante emotiva com a cidade:

Creio que nunca te fiz uma confidência que respeitarás: O Rio é o meu S. Martinho de Anta da outra margem. O Pão-de-Açúcar que o assinala foi o



negrilho de pedra que na infância ali me recebeu. De tal modo lhes quero e me sinto bem naquelas ruas, que uma igreja barroca interrompe ou que um penedo ruraliza, que saltei na praça Mauá como se me apeasse no Eiró que me viu nascer. Aí está uma cidade que nunca poderá ser abstracta nem concreta, mas eternamente as duas coisas, milagre feito pelos homens e pela natureza, de mãos dadas (TORGA, 1955, p. 152)

Quem tem familiaridade com a escrita torguiana, sabe das inúmeras declarações de amor do escritor pela terra natal². O paralelismo entre as duas cidades como espaços de afeto e de identificação é muito significativo, e ganha dimensão expressiva quando analisamos atentamente esta comparação.

O escritor regressaria ao Rio de Janeiro quase trinta anos depois, em 1954. O motivo da viagem era a participação no Congresso Internacional de Escritores em São Paulo, realizado de 9 a 22 de agosto, evento integrante das comemorações do IV Centenário de Fundação da Cidade. Ao lado de grandes nomes da literatura mundial, como William Faulkner, Torga proferiu diversas conferências tanto em S. Paulo, no Centro Transmontano, quanto no Rio – na Faculdade Nacional de Filosofia, sobre o tema “Panorama da Literatura Portuguesa” e no Real Gabinete Português de Leitura sobre “O drama do imigrante português”.

Novamente, o escritor chegou de vapor à cidade, em 6 de agosto, mas desta vez não veio sozinho, e sim, acompanhado pela esposa, a escritora e ensaísta Andréé Crabbé Rocha. De ônibus seguiu para São Paulo em 9 de agosto, retornando ao Rio, após o Congresso, em 16 de agosto. De carro fez uma breve viagem para Minas, passando por Ouro Preto, Congonhas do Campo, Belo Horizonte e Leopoldina, aproveitando para visitar o tio e rememorar os locais da sua infância. Torna ainda ao Rio, dia 24, apenas para a partida e a última despedida. O escritor não voltaria mais ao Brasil.

Guanabara, 6 de agosto de 1954 – Nem sei o que sinto. Recordo-me no cais, criança, a tactear confuso a penumbra do passado, e vejo-me adulto, aqui, no convés do barco, a receber em cheio o sol presente. À brumosa confusão infantil corresponde agora uma clara serenidade que avalia, distingue,

² Para exemplificar recuperamos duas passagens do *Diário*: “S. Martinho de Anta, 12 de abril de 1965 – [...] Tudo o que sou claramente não é daqui. Mas tudo o que sou obscuramente pertence a este chão. A minha vida é uma corda de viola esticada entre dois mundos. No outro, oiço-lhe a música; neste, sinto-lhe as vibrações” (TORGA, 1999, p. 114, vol. X); “S. Martinho de Anta, 30 de abril de 1990 – [...] Desde há muito que sei que sou o usufrutuário de uma herança sagrada, que só merecerei se nunca me esquecer que S. Martinho é um berço onde tenho de nascer todas as horas e morrer um dia” (TORGA, 1999, p. 293, vol. XVI).



aplaude ou reprova. Ao passar diante de Copacabana, em vez da reação repulsiva que eu próprio esperava, pus-me a considerar objectivamente as duas forças absurdas que ali se enfrentam: a do mar, insensível à razão dos homens, e a do cimento, insensível à razão da natureza (TORGA, 1999, p. 237, vol. VII).

Ao contrário da lembrança de menino, quando chegou como um desconhecido emigrado pobre, Torga desembarca no Rio com outro estatuto: não apenas como médico, mas como um laureado escritor, recebido calorosamente por amigos brasileiros e pela imprensa laudatória. Entretanto, se é verdade que o autor havia mudado “por fora e por dentro”, o passar dos anos não havia modificado em nada seu amor pelo país: “O Brasil tatuara-se realmente na minha alma como uma tinta indelével. A longa ausência não lhe desbotara sequer o brilho original” (TORGA, 1955, p. 154).

A passagem pelo país em 1954 foi uma experiência tão vasta para o escritor, que este sentiu a necessidade não apenas de registrá-la no seu *Diário*, como desenvolveu no ano seguinte o livro de ensaios *Traço de União* e rememorou o período no *Sexto Dia* d ‘*A criação do mundo*. Sem saber, Miguel Torga deixava o registro de um dos momentos mais significativos da história da política brasileira. A data da partida do vapor Andes coincidiu com o dia do suicídio de Getúlio Vargas.

Guanabara, 24 de agosto de 1954 – Deixo o Brasil envolvido em negrura. Escuridão física da noite, que oculta o meio geográfico num abraço espesso, e treva metafísica das circunstâncias políticas, que cobrem de luto o país inteiro.

Como que de propósito, o navio largou ao cair da tarde. E é uma terra inconformada com a sua habitual rotação e sobressaltada com a inesperada rotação da história, que aos poucos me vai saindo dos olhos. No cenário dramático, dos montes aos arranha-céus, do cais às pessoas que nele acenam, tudo e todos procuram manter o relevo e a serenidade. Resistência ilusória.

[...] Mas a sina do astro rei é renascer, e a dos tiranos, mesmo sentimentais, é morrer de vez (TORGA, 1999, p. 245, vol. VII).

Estranha correlação esta. Os primeiros apontamentos de Torga sobre Lisboa foram feitos quando esteve como prisioneiro político na Cadeia do Aljube, em 1939. Vários livros seus foram proibidos pela censura do Regime de Salazar. Em diferentes momentos foi convocado para depor nos calabouços da PIDE. Grande defensor da liberdade e da democracia, Torga temia pelo futuro do Brasil após o suicídio de Getúlio.



E se a rotação da Terra nos impõe momentos de claridade e de escuridão, torçamos para o astro rei renascer o mais rápido possível.

As citações torguianas feitas ao longo deste artigo não esgotam o rico material que está disponível, à espera de organização e elaboração. Acreditamos que seria uma contribuição valiosa estudos mais aprofundados acerca da obra deste grande escritor que foi Miguel Torga.

REFERÊNCIAS

COLÓQUIO/LETRAS. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Jul. 1987. N.º 98 (Homenagem a Miguel Torga).

GAGO, Dora Maria Nunes. *Imagens do estrangeiro no Diário de Miguel Torga*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; FCT, 2008.

_____. Pelas veredas da luso-brasilidade: ressonâncias do Brasil nas obras de Ferreira de Castro e Miguel Torga. *Polissema*, Porto, ISCAP, n. 10, p. 127-145, 2010.

LEÃO, Isabel Vaz Ponce de. *O essencial sobre Miguel Torga*. Lisboa: INCM, 2007.

LOPES, Óscar. O ruralismo de Miguel Torga. In *Entre Fialho e Nemésio – Estudos de Literatura Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: INCM, 1987.

LOURENÇO, Eduardo. O Portugal de Torga. In *Colóquio Letras*, nº 135/136, jan. 1995.

MOURÃO-FERREIRA, David. *Lâmpadas no escuro: de Herculano a Torga*. Lisboa: Arcádia, 1979.

PIRES, José Cardoso. *Lisboa, Livro de Bordo: vozes, olhares e memorações*. Lisboa: EXPO'98; Dom Quixote, 1997.

TORGA, Miguel. *A criação do mundo – os dois primeiros dias*. 3ed. Coimbra: Editora Coimbra, 1952.

_____. *Traço de União: temas portugueses e brasileiros*. Coimbra: Editora Coimbra, 1955.

_____. *A criação do mundo – o sexto dia*. Coimbra: Editora Coimbra, 1981.

_____. *Poemas ibéricos*. Coimbra: Editora Coimbra, 1982.

_____. *Portugal*. Coimbra: Editora Coimbra, 1987.

_____. *Diário*. 5ª edição conjunta. Lisboa: Dom Quixote, 1999. (Vols. I a IV)

_____. *Diário*. 5ª edição conjunta. Lisboa: Dom Quixote, 1999. (Vols. V a VIII)

_____. *Diário*. 5ª edição conjunta. Lisboa: Dom Quixote, 1999. (Vols. IX a XII)

_____. *Diário*. 5ª edição conjunta. Lisboa: Dom Quixote, 1999. (Vols. XIII a XVI)



Recebido: 20/02/2022

Aprovado: 15/03/2022

